

FRASES DO DIA

José António Lima

JORNALISTA

Em comparação com 2005, quando Sócrates e o PS chegaram ao Governo, o dia-a-dia dos portugueses mudou para pior

NO SOL

Miguel Sousa Tavares

ESCRITOR

Não é com esta geração de políticos europeus que a Europa se conseguirá afirmar e construir

NO EXPRESSO

SIMÃO, O CIDADÃO Zeferino Coelho

"PORTUGAL APRESENTOU OS PIORES INDICADORES DE COMPETITIVIDADE..."



...ENTRE DOZE PAÍSES EUROPEUS"



ORA!... O IMPORTANTE É PARTICIPAR!



Zeferino Coelho
27

Senhoras donas, por favor!



ALICE VIEIRA
ESCRITORA

Cada país (cada língua, cada cultura) tem a sua maneira específica de se dirigir às pessoas. Mal passamos Vilar Formoso, logo toda a gente se trata por tu, que os espanhóis não são de etiquetas nem de salamaleques.

Mas nós não somos espanhóis.

Também não somos mexicanos, que se tratam por "Licenciado" Fulano. Nem alinhamos com os brasileiros, para quem toda a gente é "Doutor", seguido do nome próprio: Doutor Pedro, Doutor António, Doutor Wanderlei, etc..

Por cá, Doutor é seguido de apelido, e as mulheres, depois de passarem por aqueles brevíssimos segundos em que são tratadas por "Menina", passam de imediato - sejam casadas, solteiras, viúvas ou amigadas, sejam velhas ou novas, gordas ou magras, feias ou bonitas, ricas ou pobres - à categoria de "Senhora Dona".

Mas parece que uns estranhos ventos sopraram pelas cabeças das gerações mais novas que fizeram o "dona" ir pelos ares ou ficar no tinteiro. Quando recebo daqueles telefonemas que me querem impingir tudo o que se inventou à face da terra - desde "produtos" bancários que me garantem vida farta, até prémios que supostamente ganhei por coisas a que nunca concorri - sou logo tratada por "Senhora Alice." Respondo sempre: "trate-me por tu, se quiser; ou só pelo meu nome, se lhe apetecer; mas nunca por Senhora Alice".

Mas o cérebro destes pobrezinhos não foi formatado para encontrar resposta a estas coisas, e exclamam logo: "ah, então não é a Senhora Alice que está ao telefone!"

Eu sei que isto não é uma coisa importante, mas que é que querem, irrita-me quando oiço este tratamento dado às mulheres.

Tal como me irrita quando vejo/oiço um jornalista tratar por você alguém com o dobro da idade dele.

É uma questão de delicadeza. De respeito. E de saber falar português. Três coisas - admito - completamente fora de moda.

Pois qual não é o meu espanto quando, aqui há dias, na televisão, oiço o Senhor Primeiro Ministro referir-se assim à mulher (também odeio a palavra "esposa...") do Comendador Manuel Violas. "A Senhora Celeste..." (não sei se é este o nome da senhora, mas adiante).

Fico parva. Nos cursos todos que tirou, ninguém lhe ensinou que as senhoras são todas "Senhoras Donas"?

Parafrazeando livremente o nosso Augusto Gil, "quem trabalha num call-center nos faça sofrer tormentos... enfim! Mas o Primeiro Ministro, Senhor? Por que nos dás esta dor? Por que padecemos assim?"



Opinião

Por falar em desnortes...



ELISA FERREIRA
EURODEPUTADA

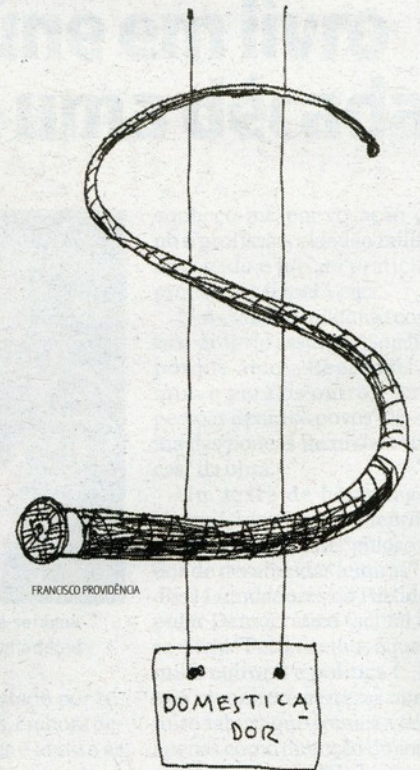
No meu último artigo, a propósito da crise que continua a grassar nos mercados financeiros internacionais, acusei a deliberada ausência de regulação em relação a determinados produtos financeiros e actores (bancos de investimento, fundos especulativos, etc.) de estar na base da derrocada a que temos vindo a assistir.

Mas fiquei surpresa ao ler o artigo "Desnorte à vista" assinado pela líder do principal partido da oposição no Expresso da semana passada, sobretudo ao vê-la clamar por maior regulação: "Desta crise vai certamente resultar o fortalecimento das entidades reguladoras, como a forma mais apropriada de melhor proteger o cidadão." É que, sobre o mesmo assunto, não podia ter sido mais oportuna a referência do Primeiro-Ministro, durante o último debate parlamentar, às afirmações de Maio passado de António Borges - o alegado "guru" económico da líder do PSD - sustentando que o "subprime" seria "uma das melhores inovações dos últimos tempos" e que o que vamos observando não passaria de "uma correcção depois de alguns excessos".

Se os principais quadrantes políticos defendem, todos eles, que os mercados necessitam de regulação por parte do Estado, por que será que ela não existe? A resposta está em que, debaixo do mesmo "guarda-chuva" político, parecem coexistir ideologias e sensibilidades largamente dissonantes e cuja síntese nunca chega a fazer-se; e algumas sínteses seriam essenciais para que o discurso político pudesse adquirir um mínimo de coerência e, consequentemente, credibilidade!

Em Portugal, como a nível europeu, os protagonistas e respectivas posições alternam conforme de onde o vento sopra; ou não tivessem a Comissão Europeia e a maioria liberal no Parlamento Europeu (PE) - onde se integram o PSD e o CDS/PP - obstaculizado, durante anos, todas as iniciativas dos socialistas europeus no sentido de que um mínimo de transparência, regulação e controlo fossem introduzidos na legislação europeia sobre os mercados financeiros; argumentava-se então, na linha de António Borges, que qualquer regulação mataria o "virtuosismo do mercado livre", esse mesmo cuja factura hoje todos estamos, directa ou indirectamente, a pagar...

SE OS PRINCIPAIS quadrantes políticos defendem, todos eles, que os mercados necessitam de regulação por parte do Estado, por que será que ela não existe?



FRANCISCO PROVIDÊNCIA

Os exemplos multiplicam-se. Basta recordar as críticas que ainda há poucos dias choviam de todos os quadrantes a propósito da alta dos preços da gasolina, convergindo na convicção de que, na sua origem estariam as insuficiências e fragilidades dessa

como de outras das nossas entidades reguladoras. Mas enquanto uma regulação a sério não funcionar, será possível que essas mesmas forças políticas defendam, como princípio geral, que sectores estratégicos nacionais - água, energia (incluindo a opção nuclear), telecomunicações, banca e seguros, etc. - sejam entregues à iniciativa privada e geridos pelas mesmas leis do mercado? Não será uma condição prévia, diria mesmo "sine qua non", à defesa da privatização que se garanta a confiança numa regulação capaz de evitar abusos de poder ameaçadores para o consumidor, a sociedade e o ambiente?

Em suma, fica a pergunta: como aceitar e interpretar a coexistência de discursos manifestamente contraditórios entre responsáveis políticos que militam nas mesmas hostes? Conviria clarificar e estabilizar definitivamente as opções políticas, para além das circunstâncias conjunturais; ou seja, que se fizessem mesmo algumas sínteses!